

HORA DE MUDAR

VAMOS RECONSTRUIR A POLÍTICA

CARLOS SIQUEIRA

COLEÇÃO DESAFIOS ESTRATÉGICOS



HORA DE MUDAR

Vamos reconstruir a política

Carlos Siqueira

Presidente nacional do PSB

O presente documento foi elaborado com base na degravação e edição da íntegra de um arquivo de áudio, produzido quando de entrevista concedida pelo presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, à Carta Capital (07/07/2019).

A natureza própria ao texto, decorrente de entrevista, foi preservada tanto por se acolher o entremeado das indagações e respostas, quanto por aceitar o caráter fragmentar que resulta do trabalho de edição.

Os que vierem a ler o texto perceberão que tal estrutura em nada o prejudicou, uma vez que há um fio narrativo quase cartesiano, de princípio ao fim.

Percebe-se também, uma grande virtude do documento assim concebido: o desafio de pensar no momento em que a ação se desenrola, premido pela necessidade de conceber diagnósticos e estratégias; de correr os riscos inerentes às disputas políticas.

Entre esses riscos, um salta aos olhos e precisa ser ressaltado: os perigos que se apresentam à jovem democracia brasileira, com a instauração de um governo de extrema direita.

Não se trata, como muitos concordam, de um evento qualquer. Nesse momento os democratas são convocados a lutar por uma democracia exaurida e enferma. As possibilidades do futuro do Brasil estão sendo jogadas agora e, é com isso em mente, que Carlos Siqueira realiza seu brilhante esforço diagnóstico, e desenha estratégias para superar os acontecimentos.

(Os editores)

A CRISE DA DEMOCRACIA

No mundo democrático em geral, o sistema político precisa ser atualizado. Por trás disso, está uma crise da democracia liberal representativa, que, por um longo período, significou uma grande novidade e um grande avanço. Nós defendemos a sua permanência, pois se trata aqui da democracia representativa. Mas é necessário que ela seja complementada com a democracia participativa, onde os cidadãos possam ter maior influência, inclusive nos partidos nos quais desejarem ter participação.

No Brasil, muito mais do que em vários países europeus, os partidos têm um sistema de funcionamento excessivamente centralizado e fechado à participação dos seus próprios filiados. Salvo as pessoas que desejam se candidatar – e que obrigatoriamente têm de estar vinculadas a um partido político – as demais têm muita dificuldade de influenciar as decisões essenciais partidárias. E, ainda hoje, considerando o conjunto de eleitores, são poucos os indivíduos que desejam participar de um partido.

Esse modelo partidário, construído para a democracia liberal, está superado. Mas o que vem ocorrendo no Brasil foi agravado por um sistema de corrupção transversal. Eu não estou acusando nenhum partido porque, de alguma forma, todos estão envolvidos, em graus

A democracia representativa está em crise e deve ser complementada por instrumentos de democracia participativa. No Brasil a crise da democracia é intensificada pela degradação do sistema político que nasceu em 1985

bastante diferentes. E quanto maior o partido, maior o grau de envolvimento.

A NECESSIDADE DE REFORMULAÇÃO DOS PARTIDOS

Os partidos progressistas de esquerda no Brasil também se envolveram nessa situação porque se tornaram muito convencionais. É o caso do PT, por exemplo. Mas também do nosso partido, o PSB. Ao chegar ao poder, o PT, ao invés de usar a sua liderança principal – que passava a presidir o país – para estabelecer uma forma de relacionamento republicano com o parlamento, optou por uma aliança estratégica com o PMDB – um velho conhecido dos maus costumes políticos brasileiros –, e com o Centrão, formado por partidos assumidamente fisiológicos. Essa decisão determinou os costumes e a práxis do sistema político, deformando ainda mais o que já estava desfigurado.

O Brasil teve um sistema político que funcionou relativamente bem nos 34 anos de democracia. Mas a partir da Constituinte de 88, ele começou a degradingolar. Quando o ex-deputado Ulysses Guimarães foi derrotado na presidência da Comissão de Constituição e Justiça por um parlamentar do baixo clero, isso foi o sinal de que o principal e maior partido da época – que já havia degradingolado – agora se corrompia moralmente.

O baixo clero derrotou um símbolo político na disputa para uma função relativamente secundária na estrutura da Câmara dos Deputados. E esse símbolo político já tinha sido presidente da Casa por várias oportunidades.

O FINANCIAMENTO DO SISTEMA POLÍTICO

Nós, da esquerda, sempre defendemos o financiamento público. Durante longos anos, houve financiamento privado, que colaborou significativamente para o grau de corrupção que se estabeleceu no sistema político brasileiro.

Muitos se aproveitaram do financiamento das campanhas em si, passaram a fazer caixa dois, e favorecer o enriquecimento pessoal.

Esse aspecto só foi superado na eleição passada, quando da primeira experiência de financiamento público. Porém, ele foi realizado no decorrer de uma reforma política. Apesar de estar no rumo correto, ela foi excessivamente tímida, o que resultou em um financiamento público voltado para dentro, para a reeleição dos parlamentares da época.

A reforma política realizada com vistas às eleições de 2018 foi tímida e tinha o viés de privilegiar no financiamento de campanha os que já tinham mandato. A população se deu conta da manobra e reagiu, potencializando a renovação

Eu falei sobre isso em várias ocasiões e me opus a esse sistema fechado. Avisei que poderia haver surpresas nas eleições presidenciais. A tentativa de autoproteção dos políticos não impediu a renovação. E isso só não aconteceu porque a população não aceitou a forma de financiamento. A população entendeu a tentativa de manobra e reagiu para impor seu desejo de renovação.

E por que o presidente da República de extrema direita resolveu atuar por cima dos partidos? Porque o

grau de insatisfação da população brasileira, do eleitor brasileiro com o sistema político chegou a tal ponto que, na eleição de 2018, não ganharia quem tivesse mais partidos, ou mais tempo de televisão. Nessa eleição, inclusive pela reforma política que se fechou em copas para o próprio sistema, o eleitor iria se vingar principalmente na disputa presidencial, e votar em quem ele quisesse.

Essa avaliação me levou a conversar durante longos meses com o então ministro Joaquim Barbosa para que nós pudéssemos oferecer uma alternativa ao país. No nosso próprio partido, embora o ex-ministro tenha despontado com muita força nas pesquisas eleitorais, com apenas uma semana de filiado ao PSB – sem dar sequer uma entrevista – houve gente que não acreditou nessa leitura que fazíamos da realidade. E algumas pessoas deram declarações desalentadoras para o pré-candidato.

Ele acabou por não acreditar que nós tínhamos as condições de apresentar o nome dele com segurança à legenda. Foi essa a razão da desistência dele. E eu acho que ele teria mudado o rumo da eleição. Como todos sabem isso não ocorreu e, exatamente por isso, ou a classe política entende o que está acontecendo, ou nós vamos para o desastre. Não imaginávamos que a situação chegasse ao ponto que chegou. Mas, lamentavelmente, chegou.

Eu defendia que a população precisava de uma pessoa de cara limpa e de boas ideias. Mas veja que, para o eleitor, as boas ideias não foram necessárias. Até porque não havia ideia nenhuma, do ponto de vista da so-

lução dos problemas do país. O descontentamento com o sistema político foi suficiente para promover uma reviravolta no arranjo político que conduziu o Brasil por décadas.

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018

Não foi necessário explicar a ninguém que Joaquim Barbosa era um nome anticorrupção. Ele estava acima dessa questão, possuía ficha limpa e preparo. Aliás, é bom lembrarmos que a população esperou muito que aparecesse esse nome, pois a candidatura de Jair Bolsonaro só veio a crescer bem depois, já no processo eleitoral.

Na pré-campanha, enquanto Joaquim Barbosa, em uma semana, chegou a 11% ou 12% de intenção de votos, Jair Bolsonaro permanecia com 3% a 4% de aprovação, mesmo com um ano de pré-campanha. Assim como Ciro Gomes e Geraldo Alckmin. Esse último, com apostas altas em sua candidatura, devido ao tempo de televisão de seu partido.

A população não queria um nome conhecido. Ela queria outro nome. E Jair Bolsonaro, apesar de ser um velho parlamentar com quase 30 anos de mandato, era tão apagado no Parlamento que surgiu quase como algo novo. Quem de outros estados, fora do Rio de Janeiro conhecia Bolsonaro? Ele não era uma figura nacional.

Em 2018 a população desejava um nome novo para a Presidência da República, porque queria impor ao sistema político uma renovação de valores e práticas, que ele se recusava a entregar, apesar de todas as mazelas da política nacional

A ESQUERDA DEVERIA SER ANTISSISTEMA E PROMOVER A RENOVAÇÃO POLÍTICA

Sobre a ideia de que a candidatura Jair Bolsonaro ocupou o campo antissistema e levou os progressistas a uma identidade com o sistema, acredito ser possível ainda achar uma saída, mesmo que tardia, para essa situação.

O momento de sair desse contexto era lá atrás, caso a leitura da conjuntura política que antecedeu a campanha tivesse sido a de que o sistema político estava falido. Eu, particularmente, acho que nem mesmo o Lula ganharia a eleição. Eu tinha certeza disso em relação à candidatura de Fernando Haddad.

Acreditava que nem mesmo o Lula seria capaz de vencer a eleição porque a indisposição com a classe política, com os partidos, com o sistema político era de tal modo grande, e evidente para mim, que eu não apostava em nenhum dos nomes de velhos conhecidos, como Lula, Alckmin, ou quem quer que fosse.

Nenhum deles. Tinha que ser uma pessoa fora do sistema, contra o sistema, de preferência. E a esquerda podia ter oferecido essa alternativa. Mas não deu certo. As forças progressistas erraram nesse momento, e também lá atrás, quando deixaram de fazer uma autocrítica, uma leitura correta de cenário. O sistema precisa mudar. E continua precisando mudar porque ele não tem recuperação tal como se encontra.

Para disputar o campo antissistema com Jair Bolsonaro e encontrar seu próprio espaço, ou as forças progressistas assumem seus erros, fazem uma autocríti-

ca (acho que o PT tem um nível de responsabilidade maior, porque ficou quase 14 anos no governo, apesar de que todos tivemos participação – o PSB saiu no segundo governo da então presidente Dilma Rousseff) ou não será possível termos renovação.

A principal autocrítica que todos temos de fazer é assumir a parcela de responsabilidade de cada um, já que integramos esse sistema e ajudamos de alguma maneira, até por omissão, a que ele chegasse onde ele chegou, sem uma renovação mínima. Ou fazemos isso ou não há como ter uma disputa para valer daqui para frente.

AUTORREFORMA

Na minha opinião, a principal tarefa que cada partido progressista tem que fazer é a sua própria autorreforma. Os demais partidos também devem fazer o mesmo. É o que estou propondo ao PSB. E uma maneira importante de contribuir para a reforma do sistema é reformar a si próprio, ao próprio partido. Além de uma atualização programática, é necessário também atualizar o conteúdo. Forma e o conteúdo se casam. Precisam andar juntas. Portanto, precisamos fazer essa grande reflexão.

Vou lançar essa proposta no Diretório Nacional, na reunião marcada para o próximo dia 8 de julho. Depois, vamos fazer uma conferência nacional em novembro (2019), no Rio de Janeiro. Em seguida, vamos apresentar as ideias, tanto de forma quanto de conteúdo. Não podemos apenas nos preparar para ganhar as

eleições. Precisamos nos preparar para dizer o que pretendemos fazer com os problemas graves do país, do ponto de vista econômico, social, ambiental e tantos outros que estamos passando, e que não serão resolvidos com facilidade. Ou seja, esperamos que esses problemas sejam enfrentados. Mas penso que dificilmente as forças conservadoras conseguirão enfrentá-los de maneira adequada.

A MODERNIZAÇÃO DO SISTEMA POLÍTICO

Essa situação na qual o país se encontra merece uma modernização do sistema. Ela requer a própria renovação das instituições, que são os pilares da democracia. Se queremos manter a democracia, temos que melhorar os pilares que a sustentam. E quais são os pilares? São os partidos. O que são os partidos hoje? Partidos que se

A esquerda se distanciou até fisicamente dos pobres. Hoje está muito mais próxima da classe média e dos bairros ricos. É necessário chegar às favelas, assim como às igrejas protestantes

tornaram convencionais, sem exceção, e que precisam mudar na forma e no conteúdo.

Na forma, para ter maior participação dos seus próprios integrantes, de seus filiados, e até mesmo dos não filiados, mas que são simpatizantes do partido. Isso é forma.

E no conteúdo, oferecendo uma plataforma política mais atualizada, mais conectada com a juventude, sobretudo. Mas também com o conjunto da população, indicando as teses que defende e chegando perto das pessoas.

Eu acho que a esquerda se distanciou até fisicamente dos pobres. Se você olhar as votações dos parlamentares de melhor qualidade da esquerda verá que estão muito mais próximos da classe média e dos bairros ricos. Nós precisamos chegar às favelas, assim como às igrejas protestantes. Elas chegaram nas favelas e no interior do país.

Para fazer isso, é preciso contar fisicamente com pessoas do partido que moram nessas regiões, que sejam politizadas, que entendam porque elas estão naquela situação, e atuem politicamente nas suas respectivas áreas. Nós precisamos estar onde o povo se encontra. E o povo mais carente não se encontra nos bairros de luxo e de classe média alta das grandes cidades brasileiras.

As pessoas que a esquerda sempre deverá representar se encontram exatamente nos locais mais pobres. É aí que nós devemos estar. É para esses que nós devemos falar; para aqueles que ainda não tivemos a capacidade de voltar a estar juntos. Precisamos não só fisicamente de militantes, mas organizar essa população através de instituições. E também levando uma mensagem que seja compreensiva e conectada com suas reais necessidades.

A INSERÇÃO DA IGREJA NAS COMUNIDADES E A ATUAÇÃO DA ESQUERDA

Faz tempo que a esquerda está presa ao seu próprio umbigo e à classe média. O protestantismo é um fenômeno no Brasil e em toda a cultura latino-americana.

Os pentecostais (não estou elogiando a forma nem o conteúdo, apesar de ter respeito por todas as religiões) foram capazes de chegar junto e falar sobre as necessidades subjetivas da população pobre. E, posteriormente até sobre as necessidades objetivas.

Na verdade, o mundo urbano brasileiro é rural. Uma pessoa que vem do interior do país e chega em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife olha para um mundo que não lhe pertence. Ela olha de lá de cima do morro de Copacabana, no Rio de Janeiro e diz: o que é isso?

Se ela desce, ninguém lhe dirige a palavra. E as igrejas protestantes foram capazes de reuni-las, alfabetizá-las através da Bíblia, ensinar normas de higiene, porque as pessoas passam a aprender que o corpo delas é o templo do Espírito Santo. Portanto, precisa estar saudável.

Eles aprendem a ler a Bíblia, um dos livros dos povos mais antigos da humanidade, o povo judeu, e que tem facetas interessantíssimas. E assim passam a ter nova visão da vida, do mundo, mesmo que com limitações do ponto de vista intelectual.

OS PROGRESSISTAS E A IMPOSIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Existe uma parte progressista da sociedade que parece querer impor a sua subjetividade ao outro, em vez de ouvir a subjetividade da maioria. Isso é uma prática autoritária. Muitas vezes nem é percebida. Uma pessoa de uma classe, que tem hábitos culturais, religiosos, sociais bem diferentes de outra, vive uma determinada

subjetividade que não tem nada a ver com a subjetividade da população interiorana, que hoje está em maioria nas grandes cidades brasileiras. É outro mundo. É outra forma de ver o mundo, a vida, o próprio país.

Às vezes, são pessoas que não entendem sequer do conteúdo geográfico, do tamanho e da importância do país. Ou seja, tem outras perspectivas de vida. E essa classe tem muita dificuldade em compreender quais são as aspirações daquela outra classe, de pensar as próprias subjetividades, e também as de uma cultura eminentemente interiorana, com uma cultura rural, uma cultura de outro mundo, de outras regiões também.

Se nós observarmos bem o que está acontecendo, não apenas no Brasil mas no mundo, a extrema direita aqui, assim como na Europa e nos Estados Unidos, tem tido a capacidade de dialogar com

esse mundo, chamado preconceituosamente de mundo do atraso. Ela tem sido capaz de verbalizar uma linguagem mais compreendida por essa parte da população.

O nível do desenvolvimento do capitalismo no qual chegamos, o desenvolvimento tecnológico, como Marx dizia corresponde a maior concentração de renda e do capital, ao maior enriquecimento dos ricos e o empobrecimento dos pobres.

A esquerda foi incapaz de ter um discurso para socorrer as pessoas que não interessam ao sistema e ficaram para trás. Foi incapaz de dizer como vamos resolver

Na verdade, o mundo urbano brasileiro é rural. Uma pessoa que vem do interior do país e chega em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife olha para um mundo que não lhe pertence

seus problemas, como vamos tratar as suas questões. E isso aconteceu inclusive quando a esquerda assumiu governos.

Durante vários anos, nós tivemos um governo com a participação de vários partidos de esquerda (do qual fizemos parte). E o que se fez foi aumentar o consumo, com expansão do crédito por um lado. Mas, também com renúncia fiscal para os empresários. Num único ano, Dilma Rousseff deu 120 milhões de isenção fiscal para grandes empresas que não criaram um único emprego!

Com 120 milhões para a população pobre, e até para pequenas e médias empresas que de fato geram mais empregos, nós teríamos mudado a realidade. Essa iniciativa do governo foi vista como progressista. Não houve progresso algum, ou seja, não se formou cidadãos, mas consumidores que não teriam condições de continuar consumindo. E que, na sua maioria, estão hoje desempregados.

A esquerda tem que fazer uma reflexão profunda sobre isso. A extrema direita tem tido sucesso em várias partes do mundo porque ela faz política ideológica. Mas a esquerda abandonou sua ideologia. Esse é o fato. E a extrema direita diz que não é ideológica. São os mais ideológicos! E também muito rígidos nas suas posições! Enquanto isso, a esquerda abandona suas teses ideológicas e se distancia do seu público, dos seus eleitores.

A IMPORTÂNCIA DO DEBATE

Lamentavelmente, não temos feito esse tipo de debate nas reuniões realizadas com os partidos de esquer-

da, periodicamente, na sede do PSB. As discussões estão voltadas para a conjuntura e fatos de curto prazo, que surgem na pauta do Congresso Nacional, como a reforma da Previdência e governo Bolsonaro.

Esses pontos também precisam ser discutidos e temos prazer em receber todos os partidos de oposição, em particular os de esquerda, mas é importante fazer outro tipo de debate. Nós vamos tentar fazer no PSB. Vamos iniciar essa discussão. Tenho começado por grupos menores. O documento sobre autorreforma traz essa reflexão. Esse contexto não surgiu com o governo Bolsonaro.

Tudo o que ocorreu desde 1988 no país – quando tivemos as maiores conquistas, a maior mobilização popular do período democrático que está completando 34 anos – nós estávamos lá, seja na oposição, seja no governo. E, portanto, nós somos responsáveis também por estarmos vivendo a situação política, econômica e social do país hoje. Não podemos fugir dessa responsabilidade.

E se nós não assumirmos e não fizermos uma crítica profunda, não renovarmos a nossa prática e, sobretudo, as nossas bandeiras, não encontraremos soluções adequadas para os graves problemas que vive a população brasileira. Essa é a saída. Já sabemos que uma vitória eleitoral pode se transformar lamentavelmente num retrocesso, como o que estamos vivendo agora.

Nas reuniões realizadas com os partidos de esquerda, periodicamente, na sede do PSB, infelizmente não temos tido a oportunidade de fazer o debate sobre as questões estruturais do Brasil. Mas, internamente, vamos fazê-lo

ARTICULAÇÃO NO EXTERIOR

Nós estabelecemos esse processo de inovação também com o objetivo de ampliar as nossas relações com os partidos que julgamos mais afinados com o PSB. Na América Latina, o PSB foi reconduzido à Secretaria Geral da Coordenação Socialista Latino-Americana (CSL) dos partidos socialistas do continente. Designei o deputado federal (RJ) Alessandro Molon como Secretário de Relações Internacionais do partido e Secretário-Geral para a CSL.

Queremos aprofundar as relações com o Partido Socialista de Portugal, que tem boa experiência de esquerda, muito exitosa até o momento; com o Partido Socialista Obrero Espanhol (PSOE) e com o Partido Social-Democrata Alemão (PSD), que coordena a Aliança Progressista, campo onde preferimos atuar.

Decidimos sair do Foro de São Paulo porque não concordamos com as decisões da organização. Nossa última participação foi há dois anos, quando estive no México. Chegou a hora de ampliar nossas relações internacionais com os partidos socialistas europeus, com a Coordenação Socialista (CSL), e também com a China, país com o qual mantemos uma boa relação.

CONFERÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

O PSB vai realizar uma Conferência Nacional nos dias 27, 28 e 29 de novembro, no Rio de Janeiro. No dia 29, teremos um Seminário Internacional, com a participação de alguns convidados desses partidos. Não sei

quantos virão porque ainda estamos em fase de elaboração da proposta.

Acredito ser muito difícil fazermos uma modernização partidária sem estarmos conectados com a parte do mundo que temos afinidades, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, que têm sua importância nas relações com o Brasil, assim como também a Ásia.

Convidei recentemente o ex-ministro Joaquim Barbosa a participar do Conselho de Relações Internacionais, que tem o papel de orientar a direção partidária para se posicionar frente aos problemas mundiais. Por exemplo, em relação ao conflito israelense. Qual a nossa visão sobre a União Europeia e o desenvolvimento chinês? E sobre os Estados Unidos, um país importante do ponto de vista econômico? Precisamos ter uma relação com o setor mais progressista desse país.

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Sobre as especulações em torno de uma candidatura de Joaquim Barbosa nas próximas eleições, sinceramente, lamento muitíssimo que ele não tenha sido candidato até o final na eleição anterior. Acredito que ele era o único que poderia ter nos salvado da tragédia que se abateu sobre o país. Era o melhor candidato do ponto de vista político, do ponto de vista de estancar a ameaça à democracia.

Mas o nosso partido não teve a capacidade de compreender, de fazer a leitura correta do que estava ocorrendo, e não incentivou a candidatura dele. Não diria o partido; esse se entusiasmou, mas algumas lideran-

ças que têm importância partidária. Não chegaram a ser contra, mas deram declarações desalentadoras.

AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020

A eleição municipal ainda é uma interrogação muito grande por duas razões: é uma eleição atípica no sentido de que, pela primeira vez na história, não teremos coligações proporcionais. Isso também vai acontecer em 2022 para o Parlamento, o que vai ensejar uma reordenação partidária.

O outro ponto a considerar é o cenário dos grandes centros, capitais e cidades, que vai depender do contexto nacional. Claro, ele não é exclusivamente um fator preponderante. Mas, nesse caso, acho que será mais importante do que antes porque o país está muito polarizado.

Então, acho que as forças progressistas devem se unir, na medida do possível, embora eu seja um defensor de que o PSB deve ter candidatos em todos os grandes centros.

E, no segundo turno, compromisso com os partidos afins. Se pudermos estar juntos logo no primeiro turno, ótimo! Mas, a conjuntura nacional será determinante, sobretudo, nas grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O RESULTADO DAS ELEIÇÕES DE 2018

O PT é apresentado como o grande derrotado. Isso é uma mentira. Na verdade, o PT elegeu a maior ban-

cada, maior número de governadores, levou seu candidato ao segundo turno e teve 47 milhões de votos.

Por outro lado, o PSDB apresentou quarenta e tantos candidatos e voltou com 29. O MDB foi com 66 e voltou com 34. O PTB começou com 25 e ficou com 10. O DEM levou 43 e voltou com 29. Desses, 10 eram do PSB – dos 13 que saíram do partido.

Os grandes derrotados das eleições foram os partidos de centro e direita – DEM, PSDB, PMDB –, o bloco que deu a sustentação ao impeachment e ao governo de Michel Temer.

Estou absolutamente convencido de que as políticas liberais, nesse caso as ultraliberais, não apresentam solução aos problemas sociais e nem econômicos do país. Isso é uma ilusão imensa.

As políticas liberais estão sendo aplicadas com muita determinação e frequência na Argentina. E ao final de cada governo presenciamos um desastre econômico como herança. Então, isso não pode funcionar. Se funcionar, será por um tempo relativamente curto e não vai trazer solução para nenhum problema importante que o país tem hoje.

SISTEMA FINANCEIRO E AS “REFORMAS”

Eu fui procurado por alguns representantes do sistema financeiro – eu nunca tomei a iniciativa de procurá-los. Não vejo neles nenhuma segurança em relação ao que vai acontecer, sobretudo aos que fazem parte do setor de produção.

Com o desastre na área industrial por causa da queda na produção, uma parte do empresariado decidiu fi-

car exclusivamente no setor financeiro. Mas não consigo ver, em nenhum deles, esperança no curto e médio prazos.

Essa solução que encontraram para a reforma da Previdência é uma panaceia completa. Alguma reforma da Previdência é necessária, porém por duas razões apenas: primeiro, porque desviaram permanentemente a receita da Previdência, sobretudo através da DRU (Desvinculação de Receitas da União), que era de 20% e passou a ser

Existe a necessidade de alguma reforma. Mas não a que está proposta, porque ela não vai resolver o problema econômico. O que permite superar o problema econômico, a crise econômica, a quase recessão, é o investimento público e privado. E para ter investimento público e privado é necessário ter segurança política, estabilidade política

de 30% a partir do governo Temer. Isso não é brincadeira! E também porque existem 13 milhões de desempregados que não têm como contribuir para a Previdência. São essas as razões. Mas a primeira é certamente mais forte do que a segunda.

Então, existe a necessidade de alguma reforma. Mas não a que está proposta. Porém, isso não vai resolver o problema econômico. O que resolve o problema econômico, a crise econômica, a quase recessão, é o investimento público e privado. E para ter investimento público e privado é necessário ter segurança política, estabilidade política. E a nossa crise, antes de ser econômica, antes de ser social, antes de ser qualquer outra coisa, ela é uma crise política. Enquanto o Brasil não resolver a sua crise política e tiver um sistema político partidário estável, criar segurança jurídica para investimento, não existe solução.

REFORMA TRABALHISTA

Já ouvi abertamente de empresários que eles não sentem segurança no país para investir. Aliás, ninguém tem segurança para investir. Nesse momento, o que se ouve aqui e ali é que, talvez, com a reforma da Previdência, a reforma trabalhista, e tudo mais

A reforma trabalhista foi apresentada, também, como uma forma de criar empregos. Quantos empregos foram criados com essa reforma? Essas ilusões são vendidas e, incrivelmente, tem gente que acredita nelas. Infelizmente, são milhões de pessoas.

A precarização do trabalho e a diminuição da massa salarial não vão melhorar o país. Isso é uma ilusão completa. Isso pode concentrar mais riqueza na mão de poucos. Porém, jamais melhorar a situação social brasileira.

A MANIPULAÇÃO NA COMUNICAÇÃO

Há um processo de manipulação na comunicação. E é muito interessante analisá-lo. Os meios de comunicação tradicionais no Brasil são bastante concentrados e manipulados. E os novos meios de comunicação se prestam ainda mais à manipulação através das redes sociais.

Elas têm inúmeras vantagens e desvantagens, como, por exemplo, a capacidade de manipulação da opinião pública que aumentou imensamente. Veja o que aconteceu nas eleições americanas e nas eleições brasileiras. Elas não ficaram imunes à manipulação das infor-

mações. Veja o que acontece hoje com a denúncia do Intercept e todo esse processo que estamos vivendo. Ou seja, a população de classe média – e não somente a parcela da população mais desinformada – também passa a ser manipulada de maneira inacreditável.

As pessoas estão vivendo, no Brasil e no mundo, um grau de manipulação sem precedentes através dos meios de comunicação tradicionais e dos novos meios de comunicação (as mídias sociais). E todos os partidos, incluindo o PSB, têm a tarefa de se modernizar e se capacitar para fazer uma contraofensiva a essa situação. Se não fizermos uma disputa de espaço em relação ao grau de manipulação que está acontecendo, estaremos perdidos.

Nós precisamos disputar ideias. Veja o que aconteceu no Brasil. Na última eleição, quem defendeu as piores ideias e não ofereceu solução para um único problema, manipulou e venceu o pleito. E quem tem as melhores ideias foi incapaz de convencer o eleitorado de que tinha boas propostas. Veja que contradição extraordinária. Há uma vitória ideológica. A esquerda precisa voltar a ser ideológica, de uma maneira moderna, de uma maneira revolucionária, no melhor sentido da palavra.

A internet é uma alternativa aos meios tradicionais. Mas a gente deve estar preparado para utilizá-la. Quem

Na última eleição, a candidatura que defendeu as piores ideias e não ofereceu solução para um único problema, manipulou e venceu o pleito. Os que fizeram propostas não conseguiram convencer os eleitores de suas virtudes. Ocorreu uma vitória ideológica e a esquerda precisa voltar a ser ideológica, de uma maneira moderna, de uma maneira revolucionária, no melhor sentido da palavra

tem usado com frequência são os grandes grupos de interesses financeiros e políticos, sobretudo os radicais de extrema direita, tanto no Brasil como em várias partes do mundo.

O nosso campo político tem que apresentar ideias progressistas transformadoras e ideológicas. Caso contrário, não estará na disputa. Essa nossa deficiência precisa ser reconhecida e alterada para que possamos assumir a nossa responsabilidade como agentes políticos transformadores da sociedade.

Não se trata, evidentemente, de fazermos algo parecido para agradar certos setores. Não podemos nos confundir com essa gente. Devemos nos opor permanentemente e de forma intransigente a eles.

JUNTO DA POPULAÇÃO: O EXEMPLO DA IGREJA

A igreja está na favela e em todos os pequenos municípios do país, como por exemplo, a Assembleia de Deus. Não existe uma cidade no Brasil que não tenha Assembleia de Deus! E outra coisa: eles são extremamente mobilizadores e formam pessoas como multiplicadoras.

Enquanto os partidos têm dificuldade para começar suas campanhas, os protestantes mais humildes e também os ricos, os de classe média rica, dão no mínimo 10% dos seus rendimentos a cada mês à igreja. Se recebêssemos esses 10% dos rendimentos dos filiados do PSB, seríamos um partido rico.

A ausência da esquerda na periferia das grandes cidades é de longo prazo. Agora, nós tivemos vitórias eventu-

ais, de forma generalizada. Mas, na verdade, essas vitórias não são nossas. Estavam eventualmente no nosso campo. É diferente de você ter um partido organizado dentro de uma grande favela.

A ELEIÇÃO DE BOLSONARO

Jair Bolsonaro foi o presidente que conseguiu despertar o interesse da sociedade brasileira. Muitos votaram nele porque não tinham outra alternativa. Se houvesse alternativa, não ficariam com ele. Inclusive, isso aconteceu com muita gente de classe média, incluindo amigos meus.

Ou seja, uns só votaram no PT porque não tinham em quem votar. E outros votaram no Bolsonaro porque não votariam jamais no PT. Essa polarização precisa ser rompida. Essa polarização não interessa ao país. E o PT também precisa compreender isso.

A democracia está morrendo no Brasil. Ou as forças políticas se atualizam e ressurgem de uma maneira diferente, ou a democracia perece neste momento. Ela está morrendo e eu sei porque estou assistindo a sua morte. Estamos tentando salvá-la

A MORTE DA DEMOCRACIA

O problema do PT é que ele não tem saída. Ele não tem escolhas, em decorrência do tipo de narrativa que vem construindo ao longo de sua história. A nossa vantagem do PSB é que ainda podemos fazer escolhas. Nós temos que aprofundar o processo, mas nós do PSB escapamos porque tomamos uma medida louca e insegura, a

de colocar para fora do partido uma ala de direita que não nos interessava.

Foram 13 deputados federais expulsos, dos quais 10 ingressaram no DEM. Na época, eu afirmei: ninguém perde o que não tem. O dinheiro que usaríamos para financiar a campanha deles investimos em outros 40 candidatos e elegemos 18 novos, ou seja, cinco a mais do que os 13 que tínhamos perdido.

Fomos com 21 e voltamos com 32. Dos 13 que migraram para o DEM, só 2 foram reeleitos, o Fernandinho Bezerra e Tereza Cristina.

Nós nos salvamos por uma medida profilática, pela assepsia política. Não foi tudo às mil maravilhas. Hoje, nós estamos diante do maior desafio da história do partido, que diz respeito a todo o sistema político.

A democracia está morrendo no país. Ou as forças políticas se atualizam e ressurgem de uma maneira diferente, ou a democracia perece neste momento. Ela está morrendo a cada dia. Eu sei porque estou assistindo à morte dela. Estamos tentando salvá-la.

Muitas lideranças importantes no nosso país não têm uma leitura correta do que estamos vivendo, como se não houvesse um problema gravíssimo. E não se trata de um problema grave! É gravíssimo!!



PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO - PSB
SCLN 304, BLOCO A, SOBRELOJA 01, ENTRADA 63
BRASÍLIA - DF - CEP 70736-510 • FONE: 61 3327-6405

